Acervo ISA

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Afinal **Class.:** Guarani

Data: 21/07/87 **Pg.:**

JOSÉ PINTO

Hoje sobrevivem em São Sebastião, no Litoral Norte de São Paulo, 500 índios guaranis. São sete aldeias, que agora têm sua terra.

Terras

Batalha vencida

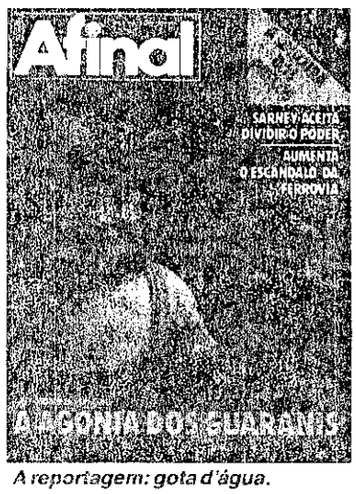
Os guaranis de São Paulo ganham, enfim, sua reserva.

Foram quase 30 anos de disputas judiciais, seis entre índios e brancos. Menos de dois meses depois de a revista **Afinal** —nº 142, de 19 de maio— ter publicado a reportagem de capa "A agonia da nação guarani", o presidente José Sarney sancionou, no último dia 8, o Decreto nº 94568, que homologa a reserva indígena do Rio Silveira, no município de São Sebastião, em São Paulo.

Com isso, os últimos 500 descendentes da nação indígena que habitam o Estado têm garantido seu direito sobre a área, delimitada em 944 hectares, num perímetro de 15 quilômetros. Assim, também, o território guarani em terras paulistas — sete aldeias que são interdependentes, como foi explicado na reportagem — legaliza sua unidade, com o reconhecimento de sua "ocupação imemorial", mesmo sub judice, com o parecer favorável do consultor geral da República, Saulo Ramos, e do constitucionalista e secretário geral da Procuradoria José Celso de Mello Filho.

"Foi uma grande vitória. Depois de processos desgastantes, onde havia vários interesses financeiros, finalmente se chegou a uma solução satisfatória", festeja um dos advogados dos guaranis, Marco Antônio Barbosa — os outros são Carla Antunha e Dalmo Dallari. Ele sustenta que a medida é definitiva e que encerra mais um capítulo da luta dos índios pelos seus direitos.

"Além disso, provavelmente outras 50 nações serão beneficiadas, pois o pronunciamento oficial firmou o entendimento de que existem interpretações errôneas sobre a lei", adianta o advogado de 34 anos, que levou a notícia do desenlace da questão pessoalmente ao cacique da aldeia do Rio Silveira, Samuel Bento dos Santos, na última segunda-feira, 13. "Ele está felicíssimo", assegura Marco Antônio, ressaltando que os próximos passos são os de registrar a área no cartório de imóveis e no serviço de patrimônio da União.



A reportagem: gota d'água.

"Muita gente uniu esforços, de graça, para enfrentar o lobby das partes interessadas nas terras. Valeu a honestidade de propósitos; a reportagem da **Afinal** foi a gota d'água no processo", declara Marco Antônio, lembrando que exemplares da revista circularam por vários gabinetes em Brasília. Ele conta que, agora, uma festa deverá acontecer em São Sebastião para saudar a resolução governamental. Para os índios, de qualquer forma, persiste a crença religiosa de seguir na "busca da terra sem mal", *o Yví Opá*.

Assentados, eles terão mais tempo para reestruturar parte de sua cultura, profundamente desgastada após 500 anos de convívio com o homem branco. Continuam, é verdade, sendo considerados "relativamente capazes", conforme a lei. "Mas somos apenas diferentes. Parecemos brancos, lavamos roupas com sabão em pó. No fundo, entretanto, continuamos índios", proclamou o cacique Samuel, que acredita, como seus compatriotas, que a terra seja mesmo de seu Deus, Tupã. Ele é apenas um inquilino de passagem. Agora, mais tranqüilo, satisfeito com o final da história. Ⓐ

João Carlos Rodriguez